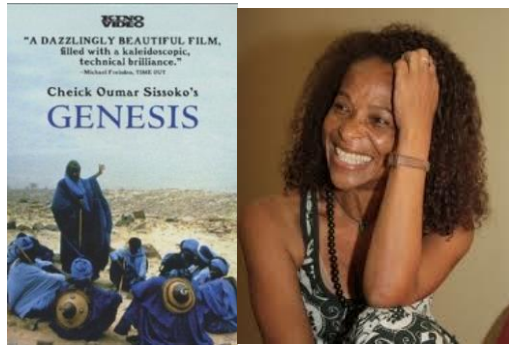


Em pauta

ANÁLISE DO FILME GENÈSE

Por *Nathalie Ferreira*

Após a exibição do filme *La Genèse*, de Cheick Oumar Sissoko, Carmen Luz iniciou a conversa com os seguintes questionamentos:



“Quem já viu esse filme?”

“Quem está vendo esse filme pela primeira vez?”

“Quem está vendo um filme africano pela primeira vez?”

Estas três questões se tornariam fundamentais para iniciar um debate não apenas sobre o filme, mas também sobre suas influências dentro de outras áreas da arte, de cultura e, claro, da indústria cinematográfica.

Inspirado no livro sagrado de Gênesis, o filme conta a luta de poder entre duas famílias: um clã de pastores, liderados por Jacó e outro clã de caçadores liderados por seu irmão Esau. Apanhado no fogo cruzado está seu primo e sua tribo de agricultores. 1

La Genèse teve sua estreia no Festival de Cannes e este fato teve grande importância tanto pela proximidade de anos com o genocídio em Rwanda quanto a importância do filme não só ao atingir a identidade de africanos do oeste, mas também aos africanos do continente; além de apresentar o ponto de vista nativo aos europeus.

Após os questionamentos iniciais, Carmen contou um pouco da trajetória do diretor Sissoko e a relação do cinema com a geografia de Mali. Com isso, pode puxar o gancho da propriedade que se tem para lidar com o próprio espaço e retratá-lo sob seu ponto de vista, por ser dali, por possuir ancestralidade, ligação com dinastias passadas, etc. Sissoko foi apenas uma referência inicial, pois outras, de atores dentro do próprio filme, foram surgindo conforme o assunto ganhava pontos de vista diversos: Milton Santos, geógrafo da Bahia; Lélia Gonzalez, professora e antropóloga de Belo Horizonte; Salif Keita ator, compositor e cantor de Mali; Fatoumata Diawara, cantora e atriz de Mali; Sotigui Kouyaté, ator e griot de um grupo étnico da África do Oeste, Mandinka; Shakespeare, escritor e ator da Inglaterra.

Um assunto já esperava pra ser tocado, principalmente por aqueles que cresceram em ambiente religioso cristão: um filme épico, mais precisamente bíblico, que tem em sua

totalidade atuações negras e desenvolvimento de personagens diferentes do retratado pela bíblia. Descolonização da mente foi o termo utilizado por Carmen para explicar todo o processo que envolve essa inversão de pensamento feito pela indústria hollywoodiana, quando cinema é o assunto; traz a reflexão que a mesma trouxe no começo da conversa sobre cinema africano versus representação africana.

Outro ponto importante que surgiu, foi a presença teatral durante o filme. O teatro foi relacionado diretamente ao corpo, mas explicandose que relações com o mesmo são históricas, ou seja, há diferença ao comparar com tempos e territórios diferentes. A discussão permitiu comparar o teatro entre continentes e Carmen pode definir o teatro africano como popular; o teatro popular dos africanos significa lugar para se conhecer; é ação e vibração. Não pense, aja.

Ao final, Carmen ainda deixou uma lista de filmes disponíveis online para enriquecer o olhar para o cinema africano e afim.

1 sinopse do filme retirada do site do SESC SP

http://www.sescsp.org.br/programacao/77886_O+DIA+DE+JERUSA+GENESIS#/content=s+aiba-mais